

NOVAS SEMÂNTICAS GEOGRÁFICAS SOBRE ESPAÇO MATERIAL E VIRTUAL EM TEMPOS DE COVID-19

Geographical semantics on material and virtual space in COVID-19 times

Nuevas semánticas geográficas sobre el espacio material y virtual en tiempos de COVID-19

Elissandro dos Santos Santana¹

RESUMO

Este trabalho não tem a pretensão de desconstruir os conceitos de espaço material/físico e virtual encontrados na literatura geográfica. Ao contrário, objetiva apenas ampliar o estado da arte em torno deste tema a partir de uma reflexão teórico-bibliográfica no que concerne às novas possibilidades semântico-conceituais de espaço em decorrência da Pandemia pelo Coronavírus. Os referenciais utilizados para a discussão são fontes primárias e secundárias que dão suporte à discussão em uma perspectiva geográfico-filosófica que abrem frentes de interlocução sobre espacialidade calcada nos novos sentidos em construção sobre espaço concreto-material e concreto real com base no contexto pandêmico. Finaliza-se a reflexão com a posição de que a noção de espaço virtual já existia mesmo antes da pandemia, mas era uma ideia abstrata ou praticada somente por alguns, dado que era complementar à existência físico-material e que a pandemia viabilizou outros aportes teórico-conceituais sobre espaço geográfico.

Palavras-chave: Semânticas Geográficas. Espaço físico-material. Espaço virtual. Pandemia. Coronavírus.

ABSTRACT

This work does not intend to deconstruct the concepts of material / physical and virtual space found in the geographic literature. On the contrary, it aims only to expand the state of the art around this theme based on a theoretical-bibliographic reflection regarding the new semantic-conceptual possibilities of space as a result of the Coronavirus Pandemic. The referentials used for

¹ Professor da Faculdade Nossa Senhora de Lourdes, FNSL. Editor de meio ambiente e revisor da revista Latinoamérica. Colunista e tradutor do Portal Desacato. E-mail: elissandross@gmail.com

the discussion are primary and secondary sources that support the discussion in a geographic-philosophical perspective that open fronts of dialogue on spatiality based on the new directions under construction on concrete-material and real concrete space based on the pandemic context. The reflection ends with the position that the notion of virtual space already existed even before the pandemic, but it was an abstract idea or practiced only by some, given that it was complementary to the physical-material existence and that the pandemic enabled other theoretical contributions -conceptions about geographic space.

Keywords: Geographic semantics. Physical-material space. Virtual space. Pandemic. Coronavirus.

RESUMEN

Este trabajo no pretende deshacer los conceptos de espacio material / físico y virtual difundidos en la literatura geográfica. Por el contrario, el objetivo es ampliar el estado del arte en torno a esta temática a partir de una reflexión teórico-bibliográfica sobre las nuevas posibilidades semántico-conceptuales sobre el espacio debido a la Pandemia de coronavirus. Los referenciales utilizados para la discusión son fuentes primarias y secundarias que sustentan la discusión en una perspectiva geográfico-filosófica que abre frentes de diálogo sobre la espacialidad a partir de las nuevas direcciones en construcción sobre el material concreto y el espacio concreto real a partir del contexto pandémico. La reflexión finaliza con la postura de que la noción de espacio virtual ya existía incluso antes de la pandemia, pero era una idea abstracta o practicada solo por algunos, dado que era complementaria a la existencia físico-material y que la pandemia posibilitó otros aportes teóricos. -concepciones sobre el espacio geográfico.

Palabras-clave: Semántica geográfica. Espacio físico-material. Espacio virtual. Pandemia. Coronavirus.

SOPRAM VENTOS MALIGNOS no planeta azul.
Nossas vidas titubeiam no turbilhão de múltiplas crises.
Uma crise econômica que se prolonga em precariedade de trabalho e em salários de pobreza. Um terrorismo fanático que fratura a convivência humana alimenta o medo cotidiano e dá amparo à restrição da liberdade em nome da segurança. Uma marcha aparentemente inelutável rumo à inabitabilidade de nosso único lar, a Terra. Uma permanente ameaça de guerras atroztes como forma de lidar com os conflitos. Uma violência crescente contra as mulheres que ousaram ser elas mesmas. Uma galáxia de comunicação dominada pela mentira, agora chamada pós-verdade. Uma sociedade sem privacidade, na qual nos transformamos em dados. E uma cultura,

denominada entretenimento, construída sobre o estímulo de nossos baixos instintos e a comercialização de nossos demônios.

Manuel Castells

INTRODUÇÃO

Diante do cenário pandêmico, revisitar e ressignificar os conceitos de espaço material e virtual torna-se crucial para outras semânticas e sentidos em construção acerca deste objeto que interessa à Ciência Geográfica, tendo em vista que a ampliação do estado da arte em torno de aportes teórico-conceituais sobre espaço material, território e lugar é importante para a constituição de outros saberes geográficos. Frente à importância da pesquisa, o objeto de estudo objetivou compreender como a pandemia contribuiu e contribuirá para a formação de novos sentidos no que concerne a espaço físico e, principalmente, sobre as novas concepções tangentes ao espaço virtual que já se ensaiavam no cotidiano concreto-físico da existência antes deste estado pandêmico, mas que se consolidaram, sobremaneira, em um nível mais profundo a partir da geografia de um vírus que nos trancafiou e nos impediu de circular despreocupadamente pelos espaços “reais” do existir. Por tudo isso, este trabalho desponta como um campo de discussão em torno dos prováveis sentidos sobre o espaço geográfico físico-material (território de uso e de existência) e o espaço virtual que a pandemia impôs à sociedade brasileira e a outras partes do mundo.

Esta pesquisa se configurou como teórica, dado que busca reconstruir, até certo ponto, teoria, conceitos e ideias buscando aprimorar fundamentos teóricos geográficos acerca do que se entendia por espaço, em especial, o virtual antes da pandemia. Cabe destacar que este trabalho não tem a pretensão de desconstruir nenhum conceito geográfico sobre espaço material ou virtual, mas trazer outras luzes que possam contribuir para discussões e debates acerca de conceitos tão relevantes teoricamente para a geografia e, conseqüentemente, para toda a sociedade. Sabe-se que a pesquisa de cunho teórico exige mais tempo de reflexão, por isso, os resultados aqui apresentados não se apresentam como definitivos, mas em construção, num vir a ser.

Para a consecução da pesquisa, percorreu-se o seguinte caminho: revisão bibliográfica para a abertura de discussão e de fundamentação de conceitos sobre espaço, a partir de diálogos teórico-conceituais, argumentos, posicionamentos e indagações no que se refere a um conceito geográfico

em transformação em decorrência das realidades da conjuntura pandêmica. Ao longo do texto são apresentados conceitos sobre o que se entendia por espaço material e virtual antes da pandemia e como esses se reconfiguraram nesse momento em que ficou inviável o trânsito despreocupado pelos espaços físicos, sejam eles urbanos ou rurais.

O trabalho se compõe das seguintes partes: análises semânticas sobre o espaço geográfico antes da COVID-19, reflexão comparada entre a noção de espaço material e a virtualidade espacial em uma geografia da existência pandêmica, espaços físicos esvaziados e preenchimento das virtualidades espaciais na pandemia e uma indagação se a existência no espaço virtual sobrepujará o viver no espaço físico-material após a pandemia.

Semânticas sobre o espaço geográfico antes da COVID-19

Antes de qualquer debate sobre os possíveis sentidos em operação sobre o ser e agir no espaço virtual como local para o novo real ou “normal”, faz-se imprescindível um passeio pelos conceitos de espaço material, de território e de lugar, pois isso viabilizará maior compreensão sobre o objeto central de estudo neste trabalho.

Lefebvre, acerca da noção de espaço, como discussão inicial, apresenta algumas considerações que nos auxiliam a compreender o conceito de espaço virtual concretizado para além de discussões teóricas durante a pandemia:

O espaço! Há poucos anos esse termo não evocava nada a não ser um conceito geométrico, o de um meio vazio. Toda pessoa instruída logo o completava com um termo erudito, tal como “euclidiano”, ou “isotrópico”, ou “infinito”. O conceito de espaço dependia, geralmente se pensava, da matemática e tão-somente dessa ciência. O espaço social? Essas palavras causavam surpresas. 2) Sabia-se que o conceito de espaço tinha experimentado uma longa elaboração filosófica, mas a história da filosofia também resumia a emancipação progressiva das ciências, e principalmente das matemáticas, em relação ao seu tronco comum: a velha metafísica. (LEFEBVRE, 2006, p.17)

Todavia, na mesma linha, Lefebvre, ao visitar o conceito de espaço, que neste trabalho será de grande serventia, traz que:

Descartes passava para a etapa decisiva da elaboração do conceito de espaço e de sua emancipação. Ele havia concluído, segundo a maioria dos historiadores do pensamento ocidental, a tradição aristotélica segundo a qual o espaço e o tempo

fazem parte das categorias; de modo que eles permitem nomear e classificar os fatos sensíveis, por mais que seu estatuto permaneça indeciso. Nesse sentido, pode-se considerá-los seja como simples maneiras empíricas de agrupar esses fatos sensíveis, seja como generalidades eminentes, superiores aos dados dos órgãos do corpo. Com a razão cartesiana, o espaço entra no absoluto. Objeto diante do Sujeito, “res extensa” diante da “res cogitans”, presente nesta, ele domina, porque os contém, os sentidos e os corpos. (LEFEBVRE, 2006, p.18)

Como o entendimento do espaço virtual e de seus sentidos passa também pela ideia que temos do espaço material, é importante apoiar-se em Santos (1988), quando ele afirma que antes da presença do homem sobre o Planeta, o que havia era só a natureza. Àquela época haveria uma geografia física ou apenas uma física? A geografia física não podia existir antes do homem. Não há geografia física que não seja uma parte da geografia humana. O que há, na verdade, é uma geografia do homem, que podemos subdividir em geografia física e humana. A presença do homem na face da Terra muda o sistema do mundo. Torna-se, o homem, centro da Terra, do Universo, imprimindo-lhe uma nova realidade com sua simples presença. O homem é um dado da valorização dos elementos naturais, físicos, porque é capaz de ação. Usa suas forças intelectuais e físicas contra um conjunto de objetos naturais que seleciona como indispensável para se manter enquanto grupo. Assim, o homem é sujeito, enquanto a terra é objeto. É em torno do homem que o sistema da natureza conhece uma nova valorização e, por conseguinte, um novo significado. Como bem sinaliza e discute Milton Santos, para o homem, isto é, para o grupo social que a defronta, a natureza deixa de ser algo que funciona apenas segundo leis naturais, e passa a ser um grande conjunto de objetos dos quais o homem escolhe alguns que aprende a utilizar. Esses objetos são, para o grupo, a natureza útil, um subsistema do sistema natural total, o seu subsistema eficaz. Esse subsistema é ainda a natureza, mas já é, igualmente, social, porque deliberadamente escolhido pelo homem.

Claude Reffestin (1980 *apud* Fraga, 2017) menciona que o espaço e o território não são termos equivalentes. O espaço é anterior ao território. O território se forma com o espaço e é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático. Ao se apropriar de um espaço, o ator territorializa esse espaço, de maneira sempre incerta e conflitante. A produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam, tais como as rodovias, os canais, as ferrovias, os circuitos comerciais e os bancários, as autoestradas e as rotas aéreas, podem ser resumidos pelo autor como a prisão que os homens constroem para si.

Para Bourdieu (1989 *apud* Fraga, 2017), a região e o território são princípios de divisão propriamente sociais, uma divisão social que cria uma descontinuidade (por intermédio de uma decisão, ou mais de uma) na continuidade natural. É realizada pelos detentores da autoridade, pois são eles que criam as fronteiras, sejam elas numa divisão natural (no sentido geossistêmico), ou social. A região e o território são expressões das formas de poder que delimitam faixas de fronteiras. Essas fronteiras estão estabelecidas, reconhecidas e firmadas pelos atos simbólicos do poder – a força da lei. Mas é preciso ter-se em mente que essa divisão obedece a critérios que atribuem fundamentos e elementos de semelhança.

Haesbaert, sobre território e territorialidade, afirma que:

Apesar de ser um conceito central para a Geografia, território e territorialidade, por dizerem respeito à espacialidade humana, tem certa tradição também em outras áreas, cada uma com um enfoque centrado em uma determinada perspectiva. Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deve[ria] incluir a interação sociedade-natureza), a Ciência Política enfatiza sua construção a partir das relações de poder (na maioria das vezes, ligada à concepção de Estado); à Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como uma fator locacional ou como uma das bases da produção (enquanto “força produtiva”); a Antropologia destaca sua dimensão simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais (mas também no tratamento do “neotribalismo” contemporâneo); a Sociologia o enfoca a partir da intervenção nas relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo. (HAESBAERT, 2004, p.37)

Em relação ao espaço e ao tempo, para uma compreensão materialista dialética, De Oliveira (*in* Santos, 1996) apresenta o espaço e o tempo como formas de existência da matéria em movimento, que tem como propriedade essencial a sua mensurabilidade. É assim que entre as propriedades fundamentais das noções do espaço e do tempo, destacam-se o caráter tridimensional do espaço e o caráter unidimensional e irreversível do tempo.

O conceito de espaço é amplamente discutido pela Geografia há anos, mas, em decorrência da Pandemia pelo coronavírus, outras semânticas sobre este objeto precisam ser construídas, mas para entender os novos conceitos sobre espaço geográfico, antes, cabe um colóquio, ainda que escrito, acerca das principais noções sobre espaço. Em texto de Ricardo Devides Oliveira, com colaboração de Ariane Dantas Privitera e Jaqueline Bastos de Freitas, acerca deste ponto, tem-se que a Geografia, ciência de síntese, é um campo científico amplo e interdisciplinar, com um plural

arcabouço teórico-metodológico que se renova constantemente, e neste sentido, muitas outras subáreas da Geografia poderiam ser mencionadas e discutidas em suas especificidades (Epistemologia, Economia, Trabalho, Biogeografia, Climatologia etc.). Contudo, o objetivo é ressaltar a diversidade analítica da geografia para clarificar o porquê, onde e como da sua capacidade de reflexão crítica e atuação no combate ao novo coronavírus em todos os seus desdobramentos no conjunto da sociedade, considerando não só a contemporaneidade como também a formação histórica e territorial brasileira. A pandemia é um fenômeno geográfico e existe uma geografia da Covid-19 que precisa ser interpretada em todas as suas nuances².

Para iniciar a discussão acerca do que é espaço, é importante mencionar aquilo que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) pontuam: “O espaço geográfico é historicamente produzido pelo homem, enquanto organiza econômica e socialmente sua sociedade” (BRASIL, 2000, p. 109).

Já Santos afirma que:

Tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições. (SANTOS, 2006, p.36)

Segundo Milton Santos (1997), o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá. No começo, a natureza selvagem era formada por objetos naturais, que ao longo da história foram substituídos por objetos fabricados, técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tendesse a funcionar como uma máquina.

Mas, conforme Suertegaray (2001), se de um lado ainda trabalhamos com o recorte do espaço geográfico, de outro acreditamos que esses recortes poderão mais unir o discurso

² Toda a parte que aparece em itálico aparece no artigo <https://www.ufjf.br/ladem/2020/05/31/assim-nasce-a-geografia-da-pandemia-por-ricardo-devides-oliveira-com-colaboracao-de-ariane-dantas-privitera-e-jaqueline-bastos-de-freitas/>. Assim nasce a Geografia da Pandemia. Por Ricardo Devides Oliveira. Com colaboração de Ariane Dantas Privitera e Jaqueline Bastos de Freitas

geográfico, do que separar. Isto porque cada um deles enfatiza uma dimensão da complexidade organizacional do espaço geográfico: o econômico/cultural (na paisagem), o político (no território), a existência objetiva e subjetiva (no lugar) e a transfiguração da natureza (no ambiente). Não obstante, nenhum deles prescinde das determinações expressas em uns e em outros.

As noções conceituais sobre espaço, ao longo do tempo, sempre foram discutidas mais em uma perspectiva físico-material, mas a pandemia veio para mudar isso. Nesse ínterim, para entender melhor esta questão, pode-se fundamentar que:

(...) em certas partes do espaço de um país são ainda as condições do meio físico que marcam mais nitidamente o conjunto da paisagem e, por consequência, delimitam a região (...) é quase sempre uma combinação dos fatores topográficos, climáticos e biogeográficos que permitiria definir um conjunto homogêneo do ponto de vista das condições naturais. Às vezes ao contrário, é toda a história da influência progressiva do homem sobre o espaço (modo de recorte do espaço agrícola em função das formas de apropriação, modo de desenvolvimento do habitat rural ou urbano) que constitui o fator principal de unidade da paisagem numa certa porção do espaço: trata-se então de região histórica (...). (ROCHEFORT, 1998, p. 61-62)

Entre a noção de espaço material e a virtualidade espacial em uma geografia da existência pandêmica

A COVID-19 alterou não somente nossa rotina de vida, de trabalho, de lazer, mas, também, e, principalmente, a nossa existência, obrigando-nos ao distanciamento e ao isolamento e, com isso, fomos forçados a repensar a ideia de espaço. De repente, a liberdade de trânsito pelos espaços urbanos ou até mesmo rurais se limitou às nossas moradias e com a impossibilidade de transitar materialmente, ampliamos o trânsito nos espaços virtuais.

Acerca da pandemia e do novo coronavírus, uma leitura possível sobre este fenômeno é que ele nos permite perceber que “é uma consequência, reiteradamente prevista, de um sistema socioeconômico crescentemente disfuncional e destrutivo” (MARQUES, 2020, s/p) e, deste modo, pode-se compreender esse contexto como “uma manifestação entre muitas do modelo de sociedade que começou a se impor globalmente a partir do século XVII e que está hoje a chegar à sua etapa final” (SANTOS, 2020, p. 23).

Não que o virtual já não fosse uma realidade antes da pandemia, mas, no contexto atual, o existir virtual se intensificou em várias frentes. Da diversão, ao afeto, ao trabalho, a existência se reconfigurou. Tal reconfiguração nos leva à metamorfose do espaço habitável e acerca deste ponto é possível calcar-se no fato de que as novas realidades são, ao mesmo tempo, causa e consequência de uma multiplicação de possibilidades, potenciais ou concretizadas, cuja multiplicidade de arranjos é fator de complexidade e de diferenciação crescentes. Não se trata aqui de adaptação do passado, mas de subversão das concepções fundamentais, das formas de abordagem, dos temas de análise. Isso equivale a dizer que mudam ao mesmo tempo o conteúdo, o método, as categorias de estudo e as palavras-chave. Enquanto promessa, o crescimento das possibilidades diz respeito ao mundo inteiro e a toda a humanidade, mas a historização e a geografização das possibilidades estão sujeitas à lei das necessidades. A divisão dos domínios nem sempre é nítida, mas se pode pensar que num mundo assim construído são as ciências do homem que ganham em alcance. Ademais, inúmeras combinações doravante possíveis não são desejáveis; outras, igualmente numerosas, não convêm a todos os países ou regiões (SANTOS, 1988).

Diante de um espaço material reduzido de circulação, em diversas ocasiões, fora do espaço virtual, amplo por natureza, para muitos, o lar se transformou no maior espaço material, em especial para aqueles em sintonia com o respeito à própria vida e a do outro, diante do risco de contaminação pelo coronavírus. Acerca disso, é oportuno fazer uma intersecção com o fato de que:

O segundo caminho pode ser aquele do questionamento da volta ao indivíduo e sua escala do cotidiano, como formas de apreensão das dimensões territoriais e da capacidade de projetar a liberdade como meio de satisfação das necessidades individuais. A casa, a rua, o ambiente de trabalho, os grupos de pessoas circundantes e tudo aquilo que faz parte do cotidiano torna-se elemento referencial para estudos dessa natureza. Nessa dimensão, o indivíduo pode ganhar em termos de inventividade e de solidariedades novas, tornando-a revolucionária porque é nesse nível que a liberdade se projeta, que a desregulamentação passa pela decisão da pessoa. (SPOSITO, 2004, p.115)

Com base no que se afirma acima, também é viável pensar que a Pandemia pelo coronavírus nos fez perder a ideia de lugar e repensar fronteiras entre o material e o virtual. E para sustentar esta premissa, cabe trazer o que Sposito (2004) nos apresenta na construção do conceito de território – que o estabelecimento de redes de informação com o rápido desenvolvimento tecnológico permite a disseminação de informações em frações de tempo, tornando-se significativas por romperem com a barreira da distância, elemento fundamental para a apreensão

do território em sua escala individual. Dessa maneira, os territórios perdem fronteiras, mudam de tamanho dependendo do domínio tecnológico de um grupo ou de uma nação, e mudam, conseqüentemente, sua configuração geográfica.

A casa como ponto de partida para a conexão com o mundo externo despontou na pandemia como o espaço inicial para ativação das transformações no espaço virtual e sobre esta questão é possível fazer relação com o que afirma Sposito:

Enfim, o território é fonte de recursos e só assim pode ser compreendido quando enfocado em sua relação com a sociedade e suas relações de produção, o que pode ser identificado pela indústria, pela agricultura, pela mineração, pela circulação de mercadorias etc., ou seja, pelas diferentes maneiras que a sociedade se utiliza para se apropriar e transformar a natureza (SPOSITO, 2004, p. 112-113).

Essa mudança de espaço, forçada, exige a mudança de valores, de conceitos, de ideias, de sentidos e isso está em consonância com o que afirma Carvalho (2004, p.42): “[...] mudar valores requer o alto conhecimento do indivíduo-sujeito”.

A COVID-19 (no estado pandêmico no qual nos encontramos) parece que nos fez escolher aquilo que Santos e Silveira, no capítulo II “Do meio natural ao meio técnico-científico-informacional”, no livro “O Brasil: território e sociedade no século XXI”, colocam:

A questão é escolher as variáveis-chave que, em cada pedaço do tempo, irão comandar o sistema de variáveis, esse sistema de eventos que denominamos período. Eis o princípio a partir do qual podemos valorizar os processos e reconhecer as novidades da história do território.” (SANTOS e SILVEIRA, 2006, p.22)

Fazendo-se uma interlocução entre o que Santos e Silveira (2006) discutem no livro “O Brasil: território e sociedade no início do Século XXI”, quando, logo no início da obra, os aurores conceituam território, territorialidade e afirmam que território usado é sinônimo de espaço geográfico e que os usos são diferentes nos diversos momentos históricos com a nossa noção atual de espaço no contexto da pandemia, pode-se perceber que o virtual deixou de ser complemento para nossa existência no plano físico e material para se transformar no novo real diante das necessidades impostas e forçadas.

Como a noção de espaço em Geografia muda, dependendo do tempo, dos contextos e recortes de pesquisa, o estudo das semânticas atuais sobre este objeto esboça e apresenta novas percepções e conceitos que podem ampliar o estado da arte em torno desse fenômeno tão

importante para aprofundar a compreensão acerca do que vem a ser o lugar material e o lugar virtual, principalmente, em um contexto pandêmico em decorrência da COVID-19, em que o Brasil e o mundo precisaram repensar o existir social a partir da espacialidade virtual.

A Pandemia pela COVID-19 obriga-nos a pensar a ideia do existir em um espaço entre o físico e o virtual e, nesse sentido, a própria percepção de ser, de estar e de trabalhar se remodela e seguirá se transformando. Desta forma, tem-se que os conceitos, sejam na Geografia ou em qualquer área do conhecimento, mudam e podem seguir mudando. Desta forma, é oportuno trazer o que Suertegaray (2001) discute – que entender a construção do conceito de espaço geográfico implica trabalharmos outras duas categorias: tempo e espaço e que estas também se apresentam a partir de concepções diferenciadas. Segundo a autora mencionada, para construirmos o conceito de tempo que perpassou e perpassa a análise geográfica através de seu conceito balizador – o espaço geográfico – utilizaremos as seguintes representações: seta, ciclo e espiral. A Geografia, em seu início, assumiu uma concepção de tempo à maneira de Kant, concebendo-o de forma sequencial, linear, como sucessão de fatos no espaço. Neste sentido, construiu suas análises numa perspectiva histórica sequencial, onde buscava explicar as relações da comunidade (grupo particularizado) com o meio (natureza) ao longo do tempo. Trata-se de uma visão de tempo como seta-evolução. Sob outra ótica, o espaço geográfico foi analisado numa visão de tempo como ciclo, onde a compreensão era de fatos sucessivos que voltam ao ponto inicial. O tempo, nesta perspectiva, evoca a ideia de uma dinâmica estável, um movimento que se repete.

Com base no que se apresentou até aqui, cabe colocar em debate a noção de que o espaço é um objeto de estudo da Geografia há anos, mas foi a partir de pensadores e pesquisadores como Milton Santos que o conceito de espacialidade atingiu um novo patamar em uma perspectiva social e política.

Espaços físicos esvaziados e preenchimento das virtualidades espaciais na pandemia

A pandemia causada pelo Coronavírus atravessa questões ambientais, de saúde e política, por isso, interferiu profundamente nas noções de espaço. Aliás, não somente nos sentidos e percepções sobre a questão do espaço geográfico, mas também concernente àquilo que Milton

Santos chama de natureza dos obstáculos, o horizonte vazio e o dia seguinte. Sobre essas mudanças de sentido, cabe buscar apoio teórico em Santos para compreender que:

Quando a sociedade, a cada movimento, é cindida, o símbolo se destaca, se solta, do movimento geral e continua o mesmo que era no momento anterior. O presente une as coisas, mas o momento seguinte as separa, o que permite distingui-las. Cada símbolo guarda a mesma identidade, não importa qual seja o contexto, mesmo numa situação de movimento e mudança. Em outras palavras, o movimento da sociedade, isto é, o movimento da totalidade (e do espaço) modifica a significação de todas as variáveis constitutivas, também a do símbolo, porque este não segue o movimento. (SANTOS, 2006, p.83)

O esvaziamento do espaço físico para o preenchimento do espaço virtual se encaixa naquilo que Santos (1996, p.15) afirma ser: “a liberdade, por um momento, se põe como medo da liberdade”. E esse medo foi a constante nos espaços físicos da existência em tempos pandêmicos.

Esse medo nos faz compreender que precisamos entender como se dá esse espaço novo, o virtual, e não somente teorizá-lo e ou praticarmos parcialmente esses processos informacionais em rede. A partir dessa linha de raciocínio, é possível fazer intersecção com o que Da Silva (*in* Santos, 1996, p.15) afirma: “é preciso tentar a aventura de conquistar o espaço novo! Mas não é fácil, pois o espaço novo está encoberto pela névoa da consciência incompleta, que se põe como medo do futuro, que ainda não conhece.”.

Acerca da natureza dos obstáculos que enfrentamos no início da pandemia e que ainda enfrentaremos diante da política brasileira negacionista da crise, podemos recorrer a Da Silva (*in* Santos, 1996) para entender que a crise da geografia é o primeiro sintoma da cultura da crise. Ela se põe como momento de apogeu da ideologia que nega a ideologia e propõe que a ideologia acabou! É o primeiro obstáculo.

A pandemia exige nova consciência diante do transitar nos espaços da existência e acerca disso é viável fazer uma intersecção com o que afirma Da Silva *in* Santos:

A mente vazia se põe como o pensamento em repouso temporário. Como o computador, precisa ser reprogramada. A reprogramação da mente precisa aguardar o input da nova prática teórica. Aqui, a liberdade se põe como programação desejada e efetivada, ou como programação aleatória. Não é que o valor desapareça, mas é que ele se põe como momento de identificação entre a falsa consciência e a consciência verdadeira, que se anulam no campo de forças da verdade em processo de vir a ser. (DA SILVA *in* SANTOS, 1996, p.15)

Sobre o dia seguinte, e aqui nos referimos ao que pode acontecer após a pandemia no que se refere aos novos sentidos e realidades dos espaços virtuais, também é possível elaborar um paralelo com o que traz Da Silva (*in* Santos, 1996, p.16):

A liberdade é a consciência da necessidade? Mas satisfeita a necessidade põe-se a nova necessidade. A continuidade do processo acaba por definir a liberdade como a necessidade consciente. Agora, não mais no objeto, mas no sujeito. O sujeito consciente da necessidade transforma-a no fazer prático programado; assim, ele a controla. Mas, ao fazê-lo, torna-se um instrumento da programação: a consciência programada não é livre! (DA SILVA, *in* SANTOS, 1996, p.16)

Como é do conhecimento de muitos, o espaço virtual já existia e isso se consolidou ainda mais com a internet, mas, até um pouco antes da pandemia, essa tal espacialidade virtual era quase que complementar à existência físico-material. Após o desencadear da pandemia é que ele se concretizou em uma perspectiva mais intensa, dado que hoje as pessoas ao redor de todo mundo, em maior ou menor profundidade, passaram a construir as relações de trabalho, de amizade, de troca de afeto familiar e outras atividades a partir do virtual.

Mas por que a pandemia remodelou percepções na prática sobre o espaço geográfico ou territórios de uso? É possível responder a esta pergunta a partir de Correa:

Por que a prática humana criou três conceitos alternativos de espaço – morada do homem? Entendemos que os três conceitos emergem devido ao fato de que o espaço tem um valor de uso, constituindo-se primeiramente no suporte físico sobre o qual a sociedade se organiza; nesse sentido é insubstituível, e o homem valoriza algumas de suas características como amenidades físicas e fertilidade que, apesar de terem significados diferentes de acordo com padrões culturais específicos, não são distribuídos uniformemente sobre a superfície da terra. Deste modo certos espaços tornam-se escassos e mais desejáveis, dotados de alto valor de uso. (*in* SANTOS, 1996, p.16)

A pandemia surge como um novo tempo e interfere, profundamente e enormemente, em nossos sentidos, por isso, em tempos de COVID-19, estamos cientes de que novos conceitos se formarão e, conseqüentemente, aparecerão na Geografia nos próximos anos. Acerca dessa possibilidade, pode-se cruzá-la com Heidrich (1998) quando discorre que a diferenciação do espaço em âmbito histórico tem início a partir da delimitação do mesmo, isto é, por sua apropriação como território; em parte determinado pela necessidade e posse de recursos naturais para a conquista das condições de sobrevivência, por outra parte, por sua ocupação física como habitat. Neste instante, na origem, a defesa territorial é exercida diretamente pelos membros da coletividade. Noutro extremo, como já ocorre desde a criação do Estado, quando há população fixada territorialmente

e socialmente organizada para produção de riquezas, cada indivíduo não mantém mais uma relação de domínio direto e repartido com o restante da coletividade sobre o território que habita. Neste momento, a defesa territorial passa a ser realizada por uma configuração social voltada exclusivamente para a organização e manutenção do poder.

Acerca das novas semióticas sobre espaço, torna-se oportuno fazer um paralelo com o que Santos declara:

A cada novo momento, impõe-se captar o que é mais característico do novo sistema de objetos e do novo sistema de ações. Os conjuntos formados por objetos novos e ações novas tendem a ser mais produtivos e constituem, num dado lugar, situações hegemônicas. Os novos sistemas de objetos põem-se à disposição das forças sociais mais poderosas, quando não são deliberadamente produzidos para o seu exercício. Ações novas podem dar-se sobre velhos objetos, mas sua eficácia é, assim, limitada. (SANTOS, 2006, p.62)

Todavia, segundo Santos:

Ao nosso ver, a questão a colocar é a da própria natureza do espaço, formado, de um lado, pelo resultado material acumulado das ações humanas através do tempo, e, de outro lado, animado pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade. Paisagem e sociedade são variáveis complementares cuja síntese, sempre por refazer, é dada pelo espaço humano. Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para um novo movimento. Por adquirirem uma vida, sempre renovada pelo movimento social, as formas - tornadas assim formas-conteúdo - podem participar de uma dialética com a própria sociedade e assim fazer parte da própria evolução do espaço. (SANTOS, 2006, p.9)

A existência no espaço virtual sobrepujará o viver no espaço físico-material após a pandemia?

Ainda não é possível responder a esta pergunta, mas é fato que a vida não será a mesma após a pandemia, no entanto, é inegável que as pessoas passaram a entender o funcionamento das trocas humanas pela virtualidade, mas ainda é cedo para o nascimento do homem que constrói plenamente a espacialidade pela virtualidade.

Segundo Santos (2006), no começo da história do homem, seus instrumentos de trabalho eram separados, mas, atualmente, estão mais indivisíveis como uma estrada de ferro, uma autopista

etc. O caminho histórico dos instrumentos de trabalho vai, cada vez mais, da divisibilidade à indivisibilidade e do dado isolado ao sistema. É o que ocorre com a energia elétrica, a água, o telefone etc. Outra tendência atual dos instrumentos de trabalho é ir do diminuto ao imenso - por exemplo, os circuitos integrados e os hipermercados. Cada um desses instrumentos é um sistema em si mesmo, que se relaciona com um sistema global. Dessa forma, um shopping-center tem seu próprio sistema de crédito, seus estacionamentos, sua lógica organizacional, seu sistema funcional. Há uma sistematicidade do objeto moderno que se relaciona com um sistema maior. Passamos dos objetos, geográfica e funcionalmente isolados, para os objetos agrupados sistematicamente e também sistêmicos. As cidades mais antigas adaptam-se, transformam-se mais ou menos lentamente; as novas já nascem assim.

É inegável que o virtual, para muitos neste contexto pandêmico, se transformou em espaço de trabalho e de vida, mas essa condição foi forjada e forçada por um vírus e isso requer análises não somente no campo da Geografia, mas da Filosofia, da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia e de outras áreas do conhecimento.

Outras noções estão em construção sobre o ser no espaço e o espaço sobre o ser, mas é preciso esperar para perceber o que as novas realidades pós-pandemia trarão. Pode ser que o novo normal perdure por anos e isso interferirá ainda mais na semântica social e política do existir. A redução do espaço, do território em uso, reduzido pela pandemia, nos faz lembrar aquilo que Fraga (2017) apresenta no texto *Território e Silêncio: contributos reflexivos entre o empírico e o teórico*, ao citar Claude Reffestin, que a produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam, tais como as rodovias, os canais, as ferrovias, os circuitos comerciais e os bancários, as autoestradas e as rotas aéreas, podem ser resumidos pelo autor como a prisão que os homens constroem para si.

Seguindo o raciocínio acima, conforme Dourado e Grade (2020), ancorado em Castells, Santos, Acosta e Krenak, é provável que a atual crise da pandemia de coronavírus culmine com o fim de um ciclo, abrindo espaço para a gestação de um novo modelo de sociedade assentado em outros paradigmas, valores e visões de mundo.

Diante de tudo, não podemos perder de vista, jamais, algo muito importante: o que Dourado e Grade (2020) afirmam com base em Harvey (2020), Davis (2020) e Santos (2020): que a pandemia está desarticulando as cadeias produtivas globais e potencializando as cadeias curtas.

As sociabilidades estão mudando com a quarentena: temos visto o surgimento de novas formas de solidariedade, maneiras de se relacionar, hábitos de consumo, relações de trabalho. Em oposição, há um expressivo aumento do desemprego e da desigualdade, inerentes ao capitalismo, expondo uma realidade na qual os mais pobres são os que mais sofrem com a pandemia, sem garantia de renda, segurança alimentar, segurança sanitária e direito à saúde.

É fato que nossa experiência com o virtual se amplificou na pandemia. O que antes era complementar passou a ser central, pois praticamente tudo se resolveu por meio do virtual. Com base na noção acima, é importante recorrer a Simon Schwartzman, no artigo "Introdução ao Pensamento de Georges Gurvitch", para compreender que no tangente à experiência, ela é a fonte única do conhecimento, e a dialética visa à flexibilização e renovação permanente dos quadros de referência para a apreensão da experiência constantemente renovada e fluida. Como a experiência cotidiana não é jamais totalmente imediata ou totalmente construída, mas sempre intermédia entre os dois, a dialética hiper empírica procura apreendê-la em todos seus graus de maior ou menor espontaneidade, contradições e incoerências. Faz-se uso, assim, dos procedimentos operatórios de complementaridade, polaridade, ambiguidade, reciprocidade de perspectivas, implicação mútua e outros que forem descobertos, tendo-se sempre em vista que o objetivo de sua utilização é a demolição perpétua dos conceitos, a destruição de tudo que possa impedir ou dificultar a entrada em contato com as sinuosidades do real. A pluralidade de técnicas de dialetização é considerada como a superação de "um dos graves erros de toda a dialética passada", que era de reduzir os diferentes procedimentos operatórios a apenas um, o da antinomia ou polarização entre contrários³.

A ampliação semântica do real para além do espaço físico-material que antes parecia ficcional no espaço virtual antes da pandemia, no contexto da necessidade do isolamento e do distanciamento, se transformou em campo das opções possíveis. Nesse sentido, Da Silva (*in* Santos, 1996), no capítulo "Contribuição à crítica da crise da geografia", versa que as determinações do real devem ser apreendidas e apropriadas para nós e para os outros. Elas se apresentam em várias escalas que se entrecruzam na determinação dos espaços individual e coletivo de vida. O projeto deve conduzir à efetivação da objetividade, inerente ao cotidiano, em meio às contradições do ser e do pensar. É preciso definir os objetivos a alcançar e descobrir as condições materiais para sua

³ <http://www.schwartzman.org.br/simon/gurvitch.htm>

realização. Por isso, os espaços da Geografia se põem, ante nós, como espaços plurais a serem conquistados.

Os remodelamentos e reformulações conceituais sobre o espaço de vida na virtualidade se encaixam naquilo que Sá (2014) afirma – que o desejo de tudo fazermos em um período de tempo cada vez menor e de não perdermos nada do que se passa já não só à nossa volta, mas também no mundo, não permite a vida nos espaços físicos que ocupamos. Os espaços físicos transformam-se em meios que possibilitam a interação no espaço virtual: nunca estamos onde estamos fisicamente – contatos, informações, publicidade (celulares, computadores, cartazes, monitores, alto-falantes) –, tudo isso nos transporta para outras realidades, problemas, alegrias, desejos, nos faz sonhar sem o sonho.

Ainda a partir de Sá (2014), tem-se que as transformações que atualmente ocorrem na vida cotidiana de cada um de nós, e que resultam do processo de globalização, refletem-se na nossa relação com o espaço, o tempo e os *outros*. Com base nessa posição, pode-se dizer que a pandemia interferiu em nossa dinâmica de vida e até em nossas bases conceituais sobre a ideia de espaço e, também, de tempo.

Algumas considerações finais

A noção de espaço virtual já existia mesmo antes da pandemia, mas era uma ideia abstrata ou praticada somente por alguns, dado que era complementar à existência físico-material. É a partir dessa posição que se discute neste trabalho que a pandemia causada pelo coronavírus surgiu remodelando essa concepção que mais parecia ficção para a maioria da população brasileira e até mesmo para outras nações.

Se por um lado, a pandemia ajudou na percepção de que a virtualidade é um espaço real mesclado com o físico, dado que para o virtual se parte sempre de um espaço físico, não se sabe até que ponto, esse viver, agir e sentir no virtual se ampliará, em um contexto espacial físico pós-pandêmico.

É fato que a geografia do existir se reconfigurou no virtual, mas, ao mesmo tempo, alguns atores sociais, na negação da pandemia, continuaram circulando e transitando pelos espaços físicos interditados pelo coronavírus em desobediência à realidade imposta, portanto, essas outras novas

semânticas sobre a vida a partir da espacialidade virtual não se concretizaram na mesma medida para os atores e as atrizes sociais desse país de dimensão continental chamado Brasil. O que se sabe é que as percepções sobre o real a partir do virtual se remodelaram, em algum nível, para toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. In FRAGA, Nilson Cesar. Território e Silêncio: contributos reflexivos entre o empírico e o teórico In: Territórios e Fronteiras: (Re)arranjos e Perspectivas. 2ª ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2017, p. 73-90.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Caracterização da Área de Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

CARVALHO, Maria Bernadete Sarti da Silva. **Meio Ambiente e Cidadania: A interface Educacional**, 2004. 224f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

CASTELLS, M. **A hora do grande reset**. Outras Palavras, São Paulo, 27 de abril de 2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/pos-capitalismo/castells-a-hora-do-grande-reset/>> Acesso em: 20 de maio 2020.

CORREA, Roberto Lobato. **O espaço geográfico: algumas considerações**. In SANTOS, Milton (org). Novos rumos da geografia brasileira. 6. Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

DA SILVA, Armando Correa. **Contribuição à crítica da crise da geografia**. In SANTOS, Milton (org). Novos rumos da geografia brasileira. 6. Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

DE OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Espaço e tempo: compreensão materialista dialética**. In SANTOS, Milton (org). Novos rumos da geografia brasileira. 6. Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DOURADO, Nathan Pereira; GRADE, Marlene. Decrescimento e bem-viver: paradigmas para o mundo pós-pandemia? **Revbea**, São Paulo, V. 15, N° 4: 380-401, 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Território e Silêncio: contributos reflexivos entre o empírico e o teórico.** In: Territórios e Fronteiras: (Re)arranjos e Perspectivas. 2ª ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2017, p. 73-90.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HEIDRICH, A. **Fundamentos da Formação do Território Moderno.** Boletim Gaúcho de Geografia, nº 23, AGB - Seção Porto Alegre, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006.

MARQUES, L. A pandemia incide no ano mais importante da história da humanidade. Serão as próximas zoonoses gestadas no Brasil? Seção: **CIÊNCIA, SAÚDE E SOCIEDADE: COVID-19**, UNICAMP, Campinas, 05 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/05/05/pandemia-incide-no-ano-mais-importante-da-historia-da-humanidade-serao-proximas>>. Acesso em: 20 de julho 2020.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1980. In FRAGA, Nilson Cesar. **Território e Silêncio: contributos reflexivos entre o empírico e o teórico** In: Territórios e Fronteiras: (Re)arranjos e Perspectivas. 2ª ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2017, p. 73-90.

ROCHEFORT, M. **Redes e Sistemas: ensaiando sobre o Urbano e a Região.** São Paulo: Hucitec, 1998.

SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. Revista Tempo Social. Vol.26 nº. 2 São Paulo July./Dec. 2014.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra: Almedina, 2020.

Santos, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** (4ª ed.). São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** 4. ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** 9. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SPÓSITO, Eliseu S. **Geografia e Filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

Novas semânticas geográficas sobre espaço material e virtual em tempos de COVID-19

Elissandro dos Santos Santana

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Scripta Nova REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES**

Universidad de Barcelona

ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98

Nº 93, 2001. Acesso em 04 de setembro de 2020.

Recebido em: novembro de 2020
Aceito e publicado em: março de 2021

